

NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE A FORMAÇÃO DO SUJEITO EM ZIGMUNT BAUMAN E EDGAR MORIN

H. C. CÂMARA, A. S. S. FONSECA, K. C. A. SOUZA
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
redlehcc@gmail.com

Artigo submetido em agosto/2013 e aceito em fevereiro/2014

RESUMO

O presente trabalho visa discutir a noção de sujeito a partir das perspectivas teóricas de Edgar Morin e Zigmunt Bauman, identificando suas contribuições para compreensão da sociedade moderna e, para tanto, realizamos uma revisão e análise bibliográfica, de natureza qualitativa, construído e guiado pelos princípios do pensamento complexo: o princípio dialógico, recursivo e hologramático. Como delimitação do objeto, priorizamos aqui três obras de cada autor: *A cabeça bem-feita* (2000), *Ciência com consciência* (2007) e *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2010), de Morin. E as obras *O mal-estar da pós-modernidade*

(1998), *Identidade* (2005) e *44 cartas sobre o mundo líquido moderno* (2011), de Bauman. Como resultado identificou-se que tanto para Bauman como para Morin, a formação do sujeito não se dá de forma simplificada, mas a partir de uma relação complexa que envolve a auto-eco-organização a qual pode conduzir a formação de um sujeito consciente e capaz de se constituir na própria história. A luta contra o esfacelamento do sujeito nesta sociedade líquida, redutora e simplificadora é anseio dos autores. Um outro sujeito precisa ser construído. Libertado das normatizações que o impede de ser ele mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: formação humana; sujeito; pensamento complexo; subjetividade; contemporaneidade.

INTRODUCTORY NOTES ABOUT THE FORMATION OF THE SUBJECT IN ZIGMUNT BAUMAN AND EDGAR MORIN

ABSTRACT

This paper aims to discuss the notion of the subject from the theoretical perspectives of Edgar Morin and Zygmunt Bauman, identifying their contributions to the comprehension of modern society. Therefore, we conducted a review and literature review of qualitative nature, built and guided by the principles of the complex thought: the dialogic principle, recursive and hologramatic. As delimitation of the object, we prioritize three works of each author: *La Tête bien faite* (2000), *Science avec Conscience* (2007) and *Les Sept saviors nécessaires à l'éducation du futur* (2010), by Morin. The works *Postmodernity and its discontents* (1998), *Identity:*

Conversations with Benedetto Vecchi (2005) and *44 letters from The Liquid Modern World* (2011), by Bauman. As a result it was observed that for both Bauman as to Morin, the subject formation does not occur in a simplified manner, but from a complex relation involving the echo self-organization which can lead the formation of a consciousness of a subject able to establish itself in history. The fight against the fragmentation of the subject in this liquid society reductive and simplifying is the authors' yearning. Another subject needs to be built. Released from the standardizations that prevents him from being himself.

KEYWORDS: formation; subject; complex thought; subjectivity; contemporaneity.

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Essa reflexão é fruto do diálogo estabelecido nas aulas do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH), mais especificamente nas disciplinas *Teoria em Ciências Sociais e Humanas* e *Seminário de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*. A primeira disciplina tinha como objetivo a discutir a condição do sujeito nas Ciências Humanas e, a segunda, trazia a proposição de se estabelecer um diálogo entre os saberes científicos.

A partir das reflexões que cada disciplina proporcionou, bem como do diálogo entre elas, despertamos o interesse em discutir a subjetividade que, embora presente e efetiva na organização social tem sido negada ou desconsiderada enquanto elemento constitutivo e atuante na própria organização societal. Falar de subjetividade implicar abordar a condição do sujeito sem a qual este não se constituiria social e existencialmente. Fazer essa discussão é fundamental, porque ao longo da construção das Ciências Sociais e Humanas, o próprio humano desapareceu ou foi ocultado enquanto ser que é, simultaneamente, racional e passional, técnico e lúdico, prosaico e poético, *sapiens/demens*, como enfatiza Edgar Morin. Ao tentar revelar, esclarecer, desocultar as coisas, os mistérios, os saberes e o próprio sujeito, essas ciências terminaram ocultando o sujeito para si mesmo. A máxima poderia ser assim construída: aquele que tudo conhece, não se conhece. O sujeito não se vê naquilo que ele vê.

Ao longo das disciplinas acima citadas, o sujeito tomou nosso olhar, chamou nossa atenção, reapareceu como um ser querendo ser repensado por nós. Como sempre acontece, às vezes, um olhar precisa ser ampliado por outros olhares e, assim, enxergar melhor. Portanto, para ampliar nosso olhar foi preciso outros olhos a fim de que pudéssemos compreender e percebermos melhor a inserção e a condição do sujeito na sociedade. Os olhares de Edgar Morin e de Zigmunt Bauman irão ampliar nossas lentes de leitura e compreensão do que nos propomos. É a partir da perspectiva teórica desses dois autores, planetariamente reconhecidos e provocativos, autores que se afastam e, ao mesmo tempo, se aproximam em termos da reflexão, que iremos (re)pensar o sujeito societal contemporâneo.

Esse trabalho, de revisão e análise bibliográfica, foi construído e guiado pelos princípios do pensamento complexo: o princípio dialógico, o princípio recursivo e o princípio hologramático. Para delimitarmos a leitura e compreensão, priorizamos aqui três obras de cada autor: *A cabeça bem-feita* (2003), *Ciência com consciência* (2007) e *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2010), de Edgar Morin. E as obras *O mal-estar da pós-modernidade* (1998), *Identidade* (2005) e *44 cartas sobre o mundo líquido moderno* (2011), de Zigmunt Bauman. Recorremos, ainda, a outras teorias, autores e obras para ampliar as questões recorrentes à noção de sujeito nas obras desses dois autores.

2 O SUJEITO EM EDGAR MORIN E ZIGMUNT BAUMAN

Embora nunca tenha deixado de existir, ao longo da história o sujeito ficou muitas vezes ocultado, apagado, negado enquanto ser existencial, complexo, em especial, na sociedade moderna que tem na razão e nos paradigmas a partir dela constituídos os fundamentos de um pensamento pautado num modelo de ciência que conduz a um entendimento fragmentado, compartimentalizado, simplificado da vida e dos aspectos que nela se inserem.

Edgar Morin e Zigmunt Bauman se apresentam como autores que vêm discutir a sociedade contemporânea e os elementos nela presentes, constituintes e constituidores do estado de ser do social e do sujeito. Dentre essas discussões, nos apropriamos de um recorte, a subjetividade, e procuramos analisar esse conceito a partir dos olhares dos autores em questão, identificando a contribuição desses para a constituição do sujeito numa sociedade tão *sui generis*, como é a sociedade contemporânea.

Para Morin (2007), a história do mundo, tem se pautado no paradigma da disjunção, que separa, fragmenta, como se, ao tratar cada particularidade do objeto individualmente, pudesse compreender a totalidade. Tal aspecto é coadunado por Bauman (2005) ao indicar que é improvável que qualquer modelo que seja baseado num único fator tenha a capacidade de dar conta da complexidade do mundo e de abranger a totalidade da experiência humana.

Nesse processo de disjunção, fragmentação e dicotomias, o ser vivo e, sobretudo, o sujeito humano, não pode ser reduzido a um organismo que, mesmo dispondo de aptidões cognitivas e inteligências, funcionaria tão somente por meio de uma organização automática. O fenótipo, que seria a expressão modificada pelas condições ambientais, e o genótipo, as condições herdadas, se constituiriam como elementos que determinariam o sujeito (MORIN, 2010).

No entendimento de Morin, o humano não pode ser partimentalizado, pois é, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural, de tal maneira que se torna impossível separar, pois essas dimensões do humano são, inextricavelmente, ligados:

O que há de mais biológico – o sexo, o nascimento, a morte – é, também o que há de mais impregnado de cultura. Nossas atividades biológicas mais elementares – comer, beber, defecar – estão estreitamente ligadas às normas, proibições, valores, símbolos, mitos, ritos, ou seja, ao que há de mais especificamente cultural; nossas atividades culturais – falar, cantar, dançar, amar, meditar – põem em movimento nossos corpos, nossos órgãos; portanto, o cérebro (MORIN, 2003, p. 40).

O processo de constituição do sujeito tem relação com os processos de interação estabelecidos socialmente, portanto também com a formação das identidades dos indivíduos. Tal afirmação deve-se porque o ser sujeito, ao manter relação com o mundo social, vai adquirindo compreensões e estas, conseqüentemente, vão o formando. Há assim uma relação circular, como explica o princípio da recursividade (MORIN, 2007). Cada “ciclo” nunca é o mesmo, mas um novo que se (re)constrói ao construir o novo.

O “produto” dessa relação se dá a partir do que o indivíduo é e do que o constitui num dado espaço e momento. O sujeito é, portanto, produto de um diálogo constante entre a individualidade e a objetividade do mundo. De certa forma, é esse o entendimento que Boris Cyrulnik tem ao afirmar que,

O mundo inter-humano é tanto um mundo de sentidos quanto um mundo de sentidos (sic), um mundo onde nossa sensorialidade se impregna de história, ela que governa tanto nossas emoções quanto nossas percepções (CYRULNIK, 1995, p. 10).

Em conversa com Cyrulnik, Morin é enfático ao afirmar: “o mundo exterior está no interior de nós num diálogo permanente” (MORIN, 2004, p. 15). Por sua vez, Bauman (2005) afirma que a

vivência social se dá a partir de identificações e diferenciações, se tornando um poderoso meio de estratificação. O autor identifica dois pólos nesse processo. Num deles estariam aqueles que fazem parte do que o autor chama de “hierarquia global emergente”, os quais constituem e desarticulam suas identidades de forma mais ou menos autônoma.

No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não tem o direito de manifestar as suas preferências e que no final se vêem oprimidos por identidades aplicadas ou impostas por outros – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não tem permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que esteriotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... (BAUMAN, 2005, p. 44).

És-se assim alvitre das diferenciações produzidas, não havendo muito espaço para a constituição de identidades ou de sujeitos diferente daqueles que o formam e o tornam.

Para Bauman seria preciso a formação de uma identidade ou identidades pessoais num processo contínuo que acompanha toda a vida a fim de permitir a supressão da ênfase nas diferenças a partir das identidades que se fecham e, nesse fechar, ampliam a distinção que estereotipa os sujeitos envolvidos nessa relação. Para formação dessas identidades, nas palavras do autor, seria necessário um

[...] trabalho total é direcionado para os meios. Não se começa pela imagem final, mas por uma série de peças já obtidas ou que parecem valer a pena ter, e então se tenta descobrir como é possível agrupá-las e reagrupá-las para montar imagens (quantas?) agradáveis. (...) A tarefa de um construtor de identidade é, como diria Lévi-Strauss, a de um bricoleur, que constrói todo tipo de coisa com o material que tem na mão... (BAUMAN, 2005, p. 55).

Já Morin, ao tratar da disjunção, aponta a necessidade de que o ser, até então objeto, se torne sujeito. Mas para que o indivíduo se torne sujeito, a ideia de autonomia precisa se tornar real. O “auto” passa a aparecer a partir da ideia de retroação e regulação, as quais permitem perceber que o sujeito não é em si determinado, mas é, ao mesmo tempo, causa e efeito e estas interagem com outras causalidades externas. Se torna auto-eco-organizador, ou seja, é capaz de tratar, examinar, calcular informações e dados coletados do ambiente, elevando o ser a condição de sujeito.

Embora elevando o ser à condição de sujeito, não tem isto como suficiente, pois é precisa está “liberto” das “cegueiras do conhecimento” (MORIN, 2007, p. 19) e quanto mais autônomo se torna, mais dependente ele fica. Ao mesmo tempo em que os indivíduos extraem do ambiente as informações que lhe permitem ser autônomo, também sofre os acontecimentos de sua vida. À medida que se torna autônomo define sua forma de ser e seu destino se constitui (MORIN, 2010).

Associada à formação da autonomia estaria a necessidade da reforma da consciência, compreendo que a vida é uma teia de relações que se estabelece inextrincavelmente entre os seres, entre estes e o ambiente, de forma interconectada em que todas as ações são reflexivas (MORIN, 2003). A necessidade da busca pela superação das cegueiras do conhecimento deve considerar a incerteza e que todos estes aspectos têm de ser acompanhados de uma ética e da compreensão. Compreender no sentido de que viver é uma eterna complexidade e que qualquer simplificação seria limitar a percepção da vida.

O pensamento reducionista, elimina a compreensão de totalidade da vida e, conseqüentemente, da totalidade de si mesmo que é parte inserida num todo maior: o cosmo. Restringe-se, então, a um pensar para uma dada realidade como sendo “a realidade”. Obedece-se a uma lógica que se estende “à sociedade e as relações humanas os constrangimentos e os mecanismos inumanos da máquina artificial e sua visão determinista, mecanicista, quantitativa, formalista; e ignora, oculta e dilui tudo que é subjetivo, afetivo, livre, *criador*” (MORIN, 2003, p. 15).

Pensar a vida a partir do princípio hologramático é necessário, pois o todo e as partes se interconectam de tal maneira que o todo é composto de partes, mas por ser todo se diferencia das partes. De forma similar, toda parte, por mais individual que seja, contém o todo. Portanto, “é impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tampouco conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes” (PASCAL *apud* MORIN, 2003; 2007).

É esse entendimento (todo/parte) que está presente nas palavras de Michel Casse (*apud* MORIN, 2003, p. 36-37), quando este foi indagado sobre o que um astrônomo via em seu copo de vinho *bordeaux*. Ele responde a pergunta de forma poética:

Vejo o nascimento do Universo, pois vejo as partículas que se formaram nele nos primeiros segundos. Vejo um sol anterior ao nosso, pois nossos átomos de carbono foram gerados no seio desse grande astro que explodiu. Depois, esse carbono ligou-se a outros átomos nessa espécie de lixeira cósmica em que os detritos, ao se agruparem, vão formar a Terra. Vejo a composição das macromoléculas que se uniram para dar nascimento à vida. Vejo as primeiras células vivas, o desenvolvimento do mundo vegetal, a domesticação da vinha nos países mediterrâneos. Vejo as bacanais e os festins. Vejo a seleção das castas, um cuidado milenar em torno dos vinhedos. Vejo, enfim, o desenvolvimento da técnica moderna que hoje permite controlar eletronicamente a temperatura de fermentação nas tinas. Vejo toda história cósmica e humana nesse copo de vinho, e também, é claro, toda a história específica do bordelês (CASSE *apud* MORIN, 2003, p. 36-37).

Para Morin só uma cabeça bem-feita estaria apta a compreender a totalidade na unidade e a unidade na totalidade. Apta a organizar os conhecimentos e, assim, evitar a acumulação estéril. É por isso que a reforma do pensamento é condição necessária para sermos sujeitos na humanidade. Só é possível um sujeito autônomo de houver a reforma do pensar:

[...] pois não basta apenas inscrever todas as coisas e acontecimentos dentro de um “quadro” ou uma “perspectiva”. Trata-se de procurar sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local que repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana (MORIN, 2003, p. 25).

A incerteza é também pontuada por Bauman (2011), ao admitir que a existência humana continuará sendo imprevisível, enquanto desconhecido for o futuro, enquanto o viver for um

sistema complexo, enquanto houver uma multiplicidade de fatores mutuamente independentes compoem a existência.

Essa incerteza está inclusive na incompreensão que temos do que nós somos. Bauman ilustra isso por meio das falas de Petter Sellers (“eu não sei quem ou o que sou”) e do rei Lear (“Quem pode me dizer quem sou eu?”). O que fica claro é que, quem ou o que eu sou não é uma resposta que cabe exclusivamente a mim. No jogo das relações circundantes que nos envolvem, “ouvem-se muitas vozes, com freqüência bastante dissonantes” (BAUMAN, 2011, p. 39).

Percebemos que o sujeito se constitui e é construído no diálogo estabelecido entre as diferentes vozes que nele se interpenetram. Umhas mais fortes, outras mansas, algumas sensíveis, outras imperceptíveis e até mesmo as “mentirosas”. O grau de liberdade que os outros vão me dar irão oferecer as possibilidades de me constituir enquanto sujeito. Contudo, por maior que seja a determinação, esta dificilmente será a última. As identidades que temos nos tornam os sujeitos que somos, mas ambos estão em constante possibilidade de mudança, principalmente na modernidade líquida que se apresenta a nós.

Nessa modernidade, Bauman discute dois outros elementos que, a nosso ver, têm interferência em maior ou menos grau na formação da personalidade: o segredo e os meios de comunicação, em especial o celular.

Algumas informações estão dentro do espaço da privacidade, as quais me preservam e garantem um poder absoluto sobre quem e o que sou. Sigilo exprime, por exemplo, um conhecimento meu e sobre mim, que me torna “intocável” enquanto sujeito dessa relação. Ninguém além de mim pode interferir nas estruturas que garantem a solidez deste sujeito da relação estabelecida entre o segredo e o que ele define.

O segredo pode não ser só para mim. Alguns sujeitos podem ser cúmplices, conforme pontua Bauman (2011, p. 42):

Confidenciamos nossos segredos a um pequeno grupo de pessoas selecionadas, “especiais”, tecemos redes de amizade na internet, indicamos e conservamos nossos “melhores amigos”, ao mesmo tempo que bloqueamos a todos os demais o acesso a nossas intimidades; criamos e mantemos vínculos incondicionais e permanentes; como num passe de mágica, agregados frouxos de indivíduos são transformados em grupos integrados e fortemente unidos.

No mundo da internet ou virtual, a permissão e o bloqueio de acesso a certos grupos fortalecem a formação de identidades, pois os critérios de inclusão e de exclusão partem da minha subjetividade e, à medida que os membros vão se inserindo, inicia-se o diálogo entre estes e minha forma de pensar intrínseca, o que pode conduzir a uma reconstituição. Esse processo de constituição/reconstituição, que se aproxima bastante do paradigma da recursividade de Morin, garante a solidez do grupo.

Esse sujeito em disponibilidade constante surgiu a partir dos avanços dos meios de comunicação, com destaque para a telefonia celular. Parte-se do pressuposto de que o uso do aparelho celular e a disponibilização do número para certos grupos, que podem ser familiares, relativos ao trabalho, de amizade, dentre outros, conduz a “obrigatoriedade” por utilizá-lo, atendendo-o, sempre que solicitado for, isto porque “Dar o número de celular é conceder ou

solicitar esses privilégios: é um ato de aceitação e ao mesmo tempo de consentimento, e/ ou um pedido de ser aceito” (BAUMAN, 2011 p. 46). É por isso que o autor afirma que

Agora todo mundo *pode* estar à disposição para qualquer contato telefônico, mas ainda é preciso *se tornar disponível* – e fazemos isso somente para um *grupo selecionado* de pessoas. Torna-se disponível é uma ferramenta de construção de redes: de unificação e separação, de ‘entrar em contato’ e ‘ficar fora de contato’ [...] (BAUMAN, 2011, p. 45).

Como o sujeito se constitui na interação entre os indivíduos, a formação de redes de comunicação, seja a partir do segredo, da telefonia celular ou mesmo outros tipos, como as redes sociais da internet (*facebook, twitter, orkut*), se apresentam na sociedade moderna, como mecanismos que participam do processo de formação de sujeitos, inserido numa “modernidade líquida”, instável, e por isso, uma formação que nunca finda, mas perpassa toda a vida dos indivíduos (BAUMAN, 2011; 2005).

A incerteza é algo que o indivíduo deve lidar constantemente e ser capaz de encontrar os caminhos e formas de segui-los a fim de ser capaz de enfrentar essa viagem que é chamada vida.

Quanto mais evoluído o ser vivo, mais capaz de fazer escolhas e elaborar estratégias, deixando de ser e de fazer apenas o que é determinado, ou seja, se tornando sujeito consciente (MORIN, 2010).

A formação desse sujeito se torna imprescindível, pois é a garantia da inserção na vida, o que é condição para toda e qualquer mudança. Ao se mudar o sujeito muda-se o mundo. Vale ressaltar que, como já afirmado anteriormente, não há fim no processo formativo, mas constante ratificação e/ou retificação. Essas mudanças podem ser produtos de diferentes aspectos. Bauman (1998) afirma que o mesmo sujeito pode, em tempos e espaços diversos, se tornar diferentes tipos de sujeitos, assumindo diferentes identidades ou, na relação com a diferença, se tornar a norma ou o estranho.

Dadas as discussões, pode-se perceber que Bauman e Morin veem a necessidade de um tratamento diferenciado na modernidade em se tratando da forma de pensar e formar o sujeito; contudo cabe destacar que Bauman não discute explicitamente o termo sujeito. Destaca-se, contudo, que as questões referentes a subjetividades estão bem presentes nas discussões do referido autor. Tal inferência deve-se porque o autor, ao tratar os conceitos referentes a identidades e ao discutir a criação e anulação de estranhos trata conseqüentemente de processos de formação de sujeitos.

Bauman expressa em seus textos reflexões sobre a existência de um mundo líquido, o qual recebe essa denominação porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza, nem conserva sua forma por muito tempo. Assim, esse mundo e as “coisas” nele presentes acabam seguindo essa tendência. Tornam-se líquidas também as identidades, os sujeitos, o amor, dentre outros.

Por outro lado, Morin infere que os sujeitos fragmentados precisam ser reintegrados e, para tanto, a reforma da consciência é condição *sine qua non*, o que conduz a inserção e ou reinserção do sujeito na história. Sujeito auto-eco-organizador que, quanto mais evoluído, mais consciente será e mais se torna capaz de fazer escolhas e de elaborar estratégias.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da bibliografia pesquisada, pode-se perceber que o sujeito encontra-se discutido nos dois autores; contudo, Bauman não trata diretamente deste conceito. As discussões que são apresentadas tanto por Bauman como por Morin partem do princípio de que a formação do sujeito não se dá de forma simplificada, mas a partir de uma relação complexa que envolve, para Morin, a auto-eco-educação, esta que pode conduzir a formação de um sujeito consciente e capaz de se constituir na própria história.

Bauman associa a formação do sujeito a uma modernidade extremamente mutável, o que conduz a fluidez também do sujeito, que poderíamos chamar de sujeito líquido.

Em seus textos percebe-se uma preocupação com o futuro a partir da análise da sociedade. Um futuro incerto que é um desafio a ser vivido. Traçam olhares numa perspectiva transdisciplinar e enfatizam a necessidade da formação de um novo sujeito que, para Morin, se dará a partir da reforma da consciência e, para Bauman, é imperativa na formação das identidades, que ocorrem “a todo instante”, não de forma fragmentadas e ou abjetas, mas que se auto-refaça a todo instante superando a ideia de que a diferença seja objeto de imposição de uma(s) identidade(s) em relação às outra(s).

O entendimento dado pelos autores sobre o sujeito na sociedade moderna conduz a necessidade de repensar os paradigmas impostos nesta mesma sociedade a fim de se trilhar caminhos para superação destes a partir de uma visão de totalidade, permitindo a constituição de um ser humano que seja sujeito consciente de si, da sociedade, e do que é necessário para se viver.

4 REFERÊNCIAS

1. BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós modernidade*. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
2. _____. *Identidade: entrevista com Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
3. _____. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Tradução: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
4. CYRULNIK, Boris. *Os alimentos do afeto*. Tradução: Celso MauroPaciornik. São Paulo: Ática, 1995.
5. MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2007.
6. _____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
7. _____. *Ciência com consciência*. Tradução: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
8. _____; CYRULNIK, Boris. *Diálogo sobre a natureza humana*. Portugal: Instituto Piaget, 2004.